



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

Weiduschadt, Patrícia

Revista O Pequeno Luterano: leitores e correspondências

Revista Brasileira de História de Educação, vol. 13, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp. 159-
187

Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161041007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista *O Pequeno Luterano*: leitores e correspondências

Patricia Weiduschadt*

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar a incursão de uma leitora (1958-1968) da revista *O Pequeno Luterano*, a qual começa a trocar cartas, prática estimulada pelo periódico. Esse impresso foi editado pela instituição do Sínodo de Missouri e destinado a crianças luteranas do meio escolar. Compreende-se esta narrativa por meio da memória construída através das correspondências e influenciada pelos conteúdos da revista e pelos relatos da própria depoente. A partir destas considerações, infere-se a importância da revista, que usava estratégias para a formação de uma rede de leitores e escritores no meio infantil, estimulando nas crianças, práticas de leitura de cunho educativo-religioso.

Palavras-chave:

Memória; Cartas; Religiosidade; Leitores.

* Professora efetiva da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Educação. Pesquisadora vinculada ao grupo CEHIE – Centro de Estudos Investigativos em História da Educação.

***O Pequeno Luterano* magazine: readers and letters**

Patricia Weiduschadt

Abstract:

In this study, we aim to analyze the incursion of a reader (1958-1966) that begins to exchange letters with a magazine called *O Pequeno Luterano*, a practice encouraged by the editors. The referred prints were issued by the Missouri Synod Institution and were addressed to Lutheran children at school. The narrative is comprehended through the memory built from the epistolary and influenced by the magazine contents and the narrator's reports. From these considerations, it is possible to infer the importance of the magazine, which used strategies to form a network of readers and writers among children, stimulating reading practices that combined education and religion.

Keywords:

Memory; Letters; Religiousness; Readers.

Revista *O Pequeno Luterano*: lectores y correspondencias

Patricia Weiduschadt

Resumen:

El objetivo de este artículo es analizar la incursión de una lectora (1958-1968) de la revista *O Pequeno Luterano*, la cual empieza a intercambiar cartas, práctica estimulada por el periódico. Este impreso fue editado por la institución del Sínodo de Missouri y destinada a niños luteranos del ámbito escolar. A través del intercambio de las correspondencias y de los relatos de la propia deponente, influenciada por los contenidos de la revista, se llega a comprender dicha narrativa. A partir de estas consideraciones, se infiere la importancia de la revista, que utilizaba estrategias para la formación de una red de lectores y escritores en el medio infantil, estimulando en los niños prácticas de lectura de cuño educativo-religioso.

Palabras clave:

Memoria; Cartas; Religiosidad; Lectores.

Introdução

Este artigo aborda a incursão de uma leitora na revista *O Pequeno Luterano*, direcionada ao público infantil dos adeptos do Sínodo de Missouri¹, por meio de trocas epistolares, prática estimulada pelo periódico. Esta revista começou a circular em alemão, em 1931, com a denominação *Kinderblatt*, até 1939, tendo sido, depois, com a política de nacionalização do ensino², denominada *O Pequeno Luterano* (1939-1966), sempre buscando espaços para o leitor e sua inserção na editoria da revista.

A ideia de pesquisar a revista surgiu da constatação de intensa publicação – direcionada aos fiéis do Sínodo de Missouri – do material impresso produzido pela instituição. Publicaram-se revistas infantis, revistas juvenis, almanaques, anuários, jornais e periódicos para os adultos. A revista infantil *O Pequeno Luterano* contemplava práticas educativas realizadas na escola e na igreja. Por isso, para esta pesquisa, buscou-se o acervo, que foi facilmente encontrado na Biblioteca do Seminário em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Num primeiro momento, foi feito levantamento geral dos conteúdos da revista e, assim, observou-se a grande ênfase atribuída, nas suas páginas, à preocupação com a formação infantil educativa religiosa e a constante interlocução com as escolas mantidas pela instituição. Fotocópias de todo o material foram reproduzidas, e a revista foi analisada a partir do banco de dados com elas construído. O material foi detalhadamente categorizado e dividido em eixos, representando os principais conteúdos. A catalogação final permitiu ter ideia da relevância

-
- 1 O Sínodo de Missouri é uma instituição religiosa fundada nos Estados Unidos por imigrantes alemães. Atualmente é chamada de Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Esta instituição estabeleceu-se nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul em 1900 e fez parte de estudos de mestrado na relação com as escolas pomeranas (WEIDUSCHADT, 2007). Ainda para saber mais, ver Rieth (1990), Steyer (1999) e Warth (1979).
 - 2 A política de nacionalização do governo Vargas teve como alvo a centralização do ensino. As escolas de imigração sofreram repressão, proibiu-se a língua alemã no espaço escolar, nas igrejas, na imprensa, enfim, na vida cultural, religiosa e educativa das comunidades étnicas, a partir do final da década de 1930. Essa política foi um divisor de águas na organização e na cultura escolar dessas comunidades. Para saber mais sobre a política de nacionalização, ver Scharztzmann, Bomeny e Costa (1984).

dos dados: foram pesquisados 277 números da revista – de circulação mensal ou bimestral –, totalizando 2.339 páginas e 2.753 títulos de histórias e chamadas, agrupados em 18 eixos, cruzados com subeixos, para avaliar o número de recorrências. O banco de dados permitiu o cruzamento das fontes para melhor operacionalização do trabalho, do ponto de vista tanto quantitativo como qualitativo. Na minuciosa análise da revista, muitos eixos foram sendo construídos a partir dos conteúdos ali publicados. Os principais eixos agrupados por temáticas foram: conteúdos lúdicos, conteúdos religiosos e doutrinários, conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico, conteúdos da relação da redação com os leitores (foco deste artigo) e conteúdos ilustrativos e publicitários. Por conter extensivo conteúdo religioso e doutrinário, puderam-se perceber os principais objetivos da instituição editora: os conteúdos de cunho moral e cristão luterano. No entanto, a instituição responsável pela revista não se descuidava dos aspectos lúdicos e da efetiva interlocução com os leitores infantis.

Por isso, o eixo denominado “conteúdos da relação da redação com os leitores”, especificado com o título “Contato com os leitores”, apresenta especial relevância, devido à estreita interlocução entre os leitores e a editora. Essa interlocução mostrava-se através de muitas práticas: cartas enviadas à redação por leitores, que se apresentavam como alunos das escolas, e participação das crianças leitoras em diferentes atividades propostas pela editora. Essas atividades, em geral, eram lúdicas, propostas em forma de charadas e adivinhações. As cartas, em grande parte, eram enviadas pelas escolas, com colaboração dos alunos. Por vezes, o conteúdo das correspondências apontava a descrição da escola, do professor, dos alunos, relatando o aprendizado e as preferências dos leitores em relação à edição da revista. A classe de alunos, em muitos casos, enviava cartas concomitantes à contribuição do orfanato Moreira³. Nessas cartas, o valor doado às crianças órfãs também era publicado. Do mesmo modo, eram

3 Orfanato localizado no município de Gramado, no interior do Rio Grande do Sul. Foi fundado pela Igreja logo no início do século XX, para abrigar órfãos e doutriná-los na fé cristã. Em muitos momentos, nas páginas do impresso, é mencionada essa instituição, para sensibilizar as crianças a fazer doações, desenvolvendo adoção de práticas assistencialistas.

enviadas mensagens dos alunos/leitores para participarem de concurso de redações, em forma de resposta a charadas propostas pela editora, sendo grande parte delas de questões relacionadas ao conhecimento bíblico. Outras campanhas realizadas pela revista envolviam também pedidos, às crianças, de textos, redações com temas previamente determinados, relacionados, por exemplo, com temáticas do cotidiano da instituição religiosa e da esfera familiar.⁴

Nesse sentido, é possível perceber a circulação do impresso, numa tentativa de formação de rede de leitores através de estratégias por parte da editora, a fim de assegurar o maior número de leitores. A revista foi editada em Porto Alegre, pela editora Concórdia, tendo circulado intensamente no Rio Grande do Sul, mas com assinantes também em outros estados brasileiros.

No decorrer da pesquisa, concomitantemente à análise da revista, devido à intensa interlocução, procurou-se ampliar e complementar as fontes, especificamente com as fontes orais. Muitos estudos no campo da História da Educação abordaram diferentes temáticas a partir de variadas fontes, buscando pôr sempre o foco na problematização delas.

A complementaridade de fontes auxilia a melhor cercar o objeto em questão e enriquecer as análises. Diana Vidal (1998), ao analisar a relação da história oral com a História da Educação, reforça que, muitas vezes, faz-se necessário usar mais de um tipo de fonte e ter alguns cuidados no seu uso. A autora lembra que cada fonte documental e oral tem uma metodologia singular e impõe uma análise distinta; e é necessário usar diferentes fontes, não restringindo seu uso apenas ao acréscimo de dados na pesquisa, pois é necessário informar sobre a diversidade de percepções e sobre cada processo estudado, para que façam sentido na pesquisa. Faz-se necessário vigiar as formas e as perspectivas de análise de diferentes fontes, sejam elas orais ou documentais, entendendo que nenhuma tem maior legitimidade que a outra.

Sabe-se que, dependendo do tipo de pesquisa e do enfoque dado, poderá ter mais relevância o uso da oralidade ou do documento escrito, como os epistolares e impressos, nesse caso. Mas o que se quer perseguir

4 Podem-se citar, como exemplos, temáticas intituladas: “As mães” e “O Centenário da Igreja” (fundação do Sínodo de Missouri, que havia sido em 1847).

é a constituição da pesquisa através dos dados encontrados: o periódico, a oralidade e as cartas. Foi de crucial importância a análise da revista, pois, a partir dela, foram encontradas as pessoas, sujeitos que puderam narrar a apropriação desse material e indicar mais uma fonte a ser pesquisada: as cartas. Fica claro que a circularidade do uso destes três documentos possibilitou perceber melhor o impacto na educação institucional religiosa das crianças, examinando as práticas epistolares, levando em consideração sua interlocução.

O fio condutor foi a revista, porque nela eram citados os nomes das crianças e/ ou das escolas que publicavam cartas, respostas de exercícios, redações e a participação ativa dos sujeitos nas propostas interativas apresentadas pela editora. Muitas dessas pessoas são participantes atualmente da instituição religiosa. Por isso se decidiu entrar em contato com algumas delas, que tinham participado como leitores infantis⁵.

Como a revista circulou por várias localidades, optou-se por escolher depoentes que residiram na região do contexto pomerano⁶, ou seja, no interior de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul.

Especificamente neste artigo, que enfatiza a interlocução por meio de cartas, a abordagem da campanha organizada pela revista, denominada, por vezes, “Clube dos leitores” e em outros espaços chamada “Página dos leitores”, é de especial importância, porque as campanhas propiciavam que as trocas epistolares dos leitores infantis se publicassem na revista

5 Outros sujeitos fizeram parte da pesquisa maior concretizada na tese de doutorado, em que diferentes aspectos foram levantados. Foram localizados e entrevistados mais sete sujeitos, cinco dos quais tinham sido alunos de escolas paroquiais; dois, professores; e um, editor (WEIDUSCHADT, 2012).

6 O grupo étnico pomerano teve suas peculiaridades históricas e sociais no contexto migratório. Migraram para o Brasil em meados do século XIX, e os estados brasileiros de maior ocupação foram Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Pelo material historiográfico encontrado, grande parte dos pomeranos era de agricultores, massacrados e explorados pelo restante da Alemanha, tendo grandes dificuldades para a convivência e a aceitação de outros grupos. No Rio Grande do Sul, a ocupação geográfica de maior concentração desse grupo étnico foi na região meridional, especificamente, nos municípios de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul. Outra singularidade desta etnia em relação ao envolvimento religioso luterano é que a instalação do Sínodo de Missouri no Brasil foi impulsionada, primeiramente, pelos pomeranos, no Sul do estado.

impressa. A abordagem oral focará uma única leitora, Ada Westermann, pela singularidade e especificidade das práticas que a envolveram. Ela residia em Pelotas. Estimulada pelas campanhas da revista, enviou duas cartas à redação em 1960: a primeira em janeiro e a outra em julho. Na primeira carta, conta sobre sua escola; na segunda, compila uma história. Percebe-se que a família da leitora em questão mantinha vínculos estreitos com a revista, porque os seus três irmãos foram leitores e mantiveram interlocução com o impresso, envolvendo-se nas diferentes práticas. Optou-se por entrevistá-la, primeiramente, porque o seu nível de envolvimento na rede de leitores era maior.

A construção narrativa a partir da memória, em entrevista concedida, teve como objetivo relacionar esse percurso com a lembrança de leitora. Nos aspectos teóricos da memória, busca-se aporte em Halbwachs (1990), entendendo que ela é construída socialmente.

A memória é coletiva e parte de um processo no qual o grupo, para dar um sentido de pertencimento às relações sociais, acaba formando uma incessante construção na realidade em que viveu, especialmente em se tratando de investigações em História da Educação. A memória é coletiva, porque as recordações do grupo se marcam na lembrança do indivíduo pelo outro; é necessário ter o outro para reforçar e lembrar a recordação ou as práticas que os grupos tentam conservar⁷.

Por isso, nas pesquisas em História da Educação, que abrangem tanto a escolarização de sujeitos como a investigação em instituições escolares, é necessário levar em conta que as lembranças e as imagens dos depoentes estão relacionadas com o grupo social a que pertencem. A lembrança de qualquer pessoa vai estar ligada à construção histórica e à identificação com o grupo que a constituiu, pois as relações sociais e culturais dos grupos são marcantes na formação dessas memórias coletivas. Portanto, se a memória é um processo, é importante perceber as formas de o grupo relacionar-se e identificar-se, em especial nos processos históricos educativos.

7 Algumas ideias expressas em relação a memória e educação foram inspiradas em *História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes* (FISCHER; WEIDUSCHADT, 2009).

Então, é relevante pensar a história oral como uma metodologia que analisa os relatos dos depoentes e, ao mesmo tempo, leva em consideração as lembranças dos sujeitos pertencentes a um grupo social e o fato de que eles se constituem com influências e marcas de sua pertença.

Cabe ressaltar que muitas discussões em torno da dicotomia entre memória coletiva e individual foram travadas; esta última significa que os indivíduos, por si sós, teriam essa memória como capacidade nata, mas acredita-se que ela não esteja desvinculada da memória coletiva, como nos coloca Halbwachs (1990, p. 34):

[...] que a memória individual, enquanto se opõe à memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente do ato de lembrar e do reconhecimento de lembranças? De modo algum. Porque, se essa primeira lembrança foi suprimida, se não nos é possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conservava [...].

A memória individual se assenta na memória coletiva, porque as lembranças e as recordações do grupo são construídas em uma base de memória coletiva. Para analisar o processo histórico de escolarização, é preciso ter esta assertiva de que a memória coletiva é fundamental para a constituição das relações sociais. O que se entende como evocação da lembrança individual é muito tênue, e, embora cada indivíduo tenha sua singularidade, ela é construída socialmente.

A memória também é ressignificada, como explica Bosi (1997): as lembranças evocadas serão aquilo que o depoente vivenciou no meio social, ou seja, nas relações com o seu grupo.

Daí a necessidade de entender os depoimentos nesta perspectiva: o processo da memória escolar dos indivíduos é marcado, nesse caso, especialmente, na relação da escolarização com a religiosidade.

Essa memória está presente numa cultura escolar específica, que, segundo Julia (2001), está intimamente relacionada com as práticas realizadas na escola e na igreja; com a forma como os indivíduos representam essas práticas, passando, inevitavelmente, por apreender uma memória do passado, seja nas fontes impressas, nos depoimentos orais ou nas cartas. A memória não é isenta de falhas, não representa uma verdade absoluta: ela é construída e é relacional, por meio das representações que os sujeitos possuem das suas recordações mais significativas.

Para entender as práticas e as representações dessa cultura escolar que, mesmo não sendo diretamente formada na escola, se constitui nela, a categoria conceitual de memória é fundamental, porque é possível discutir uma memória de práticas educativas e de leitura construída pelos sujeitos, orientadas pela instituição – memória significativa no cotidiano dos leitores/alunos, de alguma forma sendo selecionada ao ser lembrada. Nesse sentido, é preciso evidenciar que a memória é uma construção da sociedade.

As memórias que temos do trabalho ao qual nos dedicamos de nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas, enfim, têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções e com que categorias pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade (NUNES, 2003, p. 11).

Não se pode esquecer de que essa memória coletiva pode ser apreendida através de um indivíduo que se lembra da escola, das leituras, das práticas de trocas epistolares e do tempo de infância. Ele lembra o que lhe ficou de mais significativo, o que pode lhe trazer mais significado. Sua construção como leitor/aluno e como parte dessa comunidade faz sentido para ele, mas é legitimada pelo coletivo e no coletivo.

Do mesmo modo, serão enfatizados no artigo relatos da entrevistada sobre as práticas epistolares. Nesses aspectos, serão analisados, como fundo teórico, os estudos de Chartier (1996a, 1996b, 2000, 2002) em relação à apropriação do impresso, a partir da circulação e da edição; e também de Certeau (2011), com os conceitos de estratégias e táticas, as primeiras – a apropriação do impresso – entendidas como a tentativa da revista de tentar dominar e influenciar o *modus operandi* dos seus leitores; e as táticas, como tentativas de fuga desses leitores e escritores para demarcar o estilo próprio.

Importante destacar outra campanha difundida pela revista para reforçar a comunicação entre os leitores. Denominada “Amiguinhos de caneta”, era um espaço em que as crianças colocavam seu nome e endereço e esperavam trocar cartas com crianças luteranas do Sínodo de Missouri. A leitora reforça o sucesso da campanha, narrando inúmeros contatos com outras crianças por meio dessa prática, mas revela que

uma correspondente, em especial, foi mais marcante, possibilitando trocas afetivas profundas, que se estenderam até a vida adulta. Por isso, serão usadas cartas recebidas dessa correspondente especial, tentando compreender a influência da revista em delimitar práticas consideradas moral e religiosamente adequadas. Essa correspondência foi trocada de 1958 até 1974, e a leitora possui mais de 50 cartas dessa correspondente.

Portanto, a fonte oral, representada pela entrevistada; o impresso *O Pequeno Luterano*; e as cartas recebidas pela depoente serão usados nesse artigo. Espera-se, pelo cruzamento das fontes e por essa complementaridade, apontar alguns encaminhamentos.

A revista e a interlocução com os leitores

A revista era assinada pelas crianças, com estímulo da escola e com aval dos pais; portanto, legitimada no espaço escolar, religioso e familiar. Naquele período, as famílias eram numerosas, e a revista, ao ser assinada, precisava ser aproveitada e lida por todas as crianças do núcleo familiar. O testemunho de Ada Westermann reforça a propriedade desta afirmativa.

Na construção narrativa da leitora, a partir das memórias reveladas no depoimento concedido, buscou-se relacionar esse percurso com a sua lembrança. Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembrança de velhos* (1987, p. 17), afirma: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência a esse indivíduo”.

Por isso, é importante estar atento à necessidade de a memória possuir seu grupo de referência para consolidar-se e legitimar-se. A revista alcançou certa circulação entre os fiéis, pessoas simples e com pouco acesso a livros e material impresso, devido ao convencimento religioso da instituição para a apropriação dos impressos pelas comunidades. Em certo sentido, os pais dessas crianças haviam sido educados pelo Sínodo, e o material posto em circulação, em muitos casos, encontrava respaldo na família e no grupo. Assim, na memória presentificada, as recordações precisam de outros do grupo para ainda serem lembradas.

Daí a necessidade de entender os depoimentos sob tal perspectiva, buscando compreender como hoje se processa a memória escolar dos indivíduos, especialmente a relação da escolarização com a religiosidade. Do mesmo modo, Loiva Otero Félix (1998, p. 42) ajuda a referendar o que aqui se tem argumentado: “As lembranças, constituídas nas relações sociais, são mantidas nos diversos grupos de referência e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer, da religiosidade, ancoradas no vivido, na experiência histórica”. Ou seja, entende-se a memória como uma construção social, pois necessita de grupos e comunidades para constituir-se.

Por isso, elegeu-se uma única leitora, mas sem perder de vista que ela faz parte de um grupo de referência. Nascida numa família de luteranos ligados ao Sínodo de Missouri, seus pais eram atuantes na igreja local e tinham relações de prestígio na sede da Igreja em Porto Alegre, junto ao seminário. Ela iniciou seus estudos numa escola paroquial em Cerrito, localidade próxima a Pelotas, mas continuou os estudos de nível ginasial em Porto Alegre, graças à mobilidade que o pai tinha como comerciante e viajante.

A primeira carta enviada por ela à revista relata de forma mais detalhada a sua realidade escolar:

Cerrito

Caros amiguinhos do Pequeno Luterano, Quero por meio desta cartinha relatar-vos algo sobre os alunos da Escola Miguel Calmon.

No dia 13 de setembro de 1959 festejamos o aniversário do nosso professor sr. Edmundo Arndt.

Dia 13 de setembro era domingo, se não me engano; de manhã realizou-se um culto aqui em nosso meio, na igreja São João; este culto foi dado pelo nosso pastor Hiller.

Ao meio dia almoçamos cada qual em sua casa e em seguida, às duas horas, saímos todos juntos da Escola para a casa do nosso professor. Ao chegarmos ali, cada qual ofereceu o seu presente e lhe desejou felicidades.

Logo após saímos para brincar: jogamos caçador e brincamos de roda. Ao entardecer fomos todos para casa.

Terminando esta cartinha, quero desejar a todos os alunos felicidades e a benção de Deus. Subcrevo-me

Ada Westermann (O PEQUENO LUTERANO, jan./fev. 1960, p. 16).

A carta revela o ambiente escolar e o religioso entrelaçados, reforçando a importância da escola na formação religiosa. Outro aspecto a levar em consideração é a valorização do professor, em especial, na data de aniversário. Essa homenagem esteve imbuída de um valor implícito: elevar o professor como autoridade do saber.

Algumas pesquisas apontam que, naquele período, havia necessidade de valorizar o professor, zelando pela sua formação. Um exemplo dessa preocupação é a expansão de revistas técnicas especializadas para esse profissional, bem como a instituição do Dia do Professor, como relata Paula Vicentini (2003, p. 4, grifo da autora):

[...] cabe notar que a iniciativa de comemorar o *Dia do Professor* no Brasil partiu de uma associação docente católica e o seu reconhecimento oficial se deu durante a vigência do regime democrático no país. Apesar de diferentes esferas do Estado procurarem se apropriar da comemoração, tal medida – no caso paulista – foi fruto de um movimento empreendido por entidades representativas do magistério secundário e particular que a consideravam uma forma de tornar a atividade docente reconhecida socialmente. A partir do final dos anos 50, as associações docentes passaram a utilizar a data como um marco em seus protestos contra a baixa remuneração.

Essa valorização do professor, frequentemente, aparece nas páginas do impresso⁸. Outras cartas, nesse período, narram o cotidiano escolar, o papel do professor e as comemorações em torno dele. Acontece a personificação do profissional, aquele que merece e deve ser homenageado pelos alunos⁹.

As cartas seguem o modelo desejado pela editora, acentuando, no discurso do leitor/aluno, o relato do âmbito escolar, legitimando a revista nesse espaço.

8 A título de ilustração, outras cartas apresentam o discurso de valorização do professor. Um exemplo foi a carta escrita por Ruth Flor, em que ela relata a sua escola homenageando o seu professor Frederico Strelow (O PEQUENO LUTERANO, out. 1943). Anos depois, apareceu o relato da homenagem ao túmulo do professor F. Strelow, na carta enviada pela leitora/aluna Herta Kretschmann (O PEQUENO LUTERANO, jul./ago. 1946).

9 Também a pesquisa de Beatriz Fischer (2005) trata desta questão.

O primeiro contato com Ada foi por telefone. Ela já era conhecida da família da pesquisadora e sabia-se que o seu envolvimento com a Igreja havia sido e ainda era grande. Ela prontamente aceitou conversar sobre a revista e sobre sua escolarização. Por telefone, foi adiantado o assunto, e ela, sem dúvida, se preparou. A entrevista aconteceu na sua residência. Ela é empresária e não é casada. Mulher de personalidade forte e bem decidida, demonstra grande liderança na cidade¹⁰ e na comunidade. A entrevista logo foi transcrita e organizada para análise.

Muito interessante foi que, à entrevistada Ada, indagou-se como ela se havia apropriado da revista, tendo a clara noção de que, por meio de sua memória, ela precisaria reelaborar a construção de seu passado de leitora e de aluna. Ela, porém, não conseguiu lembrar-se da redação da carta sobre a escola. Talvez por não ter nenhuma referência ou grupo social para lembrá-la da revista, já que, ao longo da vida, os participantes da instituição foram instigados a diferentes leituras, adequadas aos seus interesses e faixas etárias; ou seja, as revistas juvenis e aquelas lidas na fase adulta eram facilmente lembradas, estavam dentro do círculo de pessoas que auxiliavam na lembrança. Como reforça Halbwachs (1990, p. 49),

[...] as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios.

Segundo o autor, as lembranças são graduadas conforme o envolvimento do coletivo mais próximo, os indivíduos que nos fazem lembrar, até os menos acessíveis – os grupos que fizeram parte das nossas experiências, mas que agora estão distantes.

Por isso, ao ler a carta, Ada ficou surpresa, dizendo não se lembrar tão bem. Entretanto, ao ver sua redação na revista, ficou extasiada e revelou:

*A minha carta, olha aí, oh (pausa), no dia de 13 de setembro o aniversário do professor, eu mencionei e (começou a ler, leu pausadamente, mencionou o pastor, terminou toda a carta) (pausa). Tu viu mais alguma coisa, como é que a gente chegou a se corresponder?*¹¹

10 Ada reside atualmente em Piratini, cidade localizada a 60 quilômetros de Pelotas.

11 Depoimento de Ada Westermann, 10 fev. 2011.

Ela leu o texto com entusiasmo, mas o seu interesse recaiu nas correspondências enviadas, nas amizades e nos laços afetivos que criou. Insistiu-se nas lembranças da escola, do currículo, do professor. Ela revelou que o professor era excelente, mas ela não se recordava do uso da revista nas escolas, ou de que seus colegas tivessem assinaturas. Com isso, fica demonstrado que a apropriação do leitor se dá de diferentes formas e a lembrança no período da infância ainda é reelaborada na memória. Por isso, a importância não recai sobre a necessidade de classificar uma determinada apropriação como eficaz ou não, mas de entendê-la como prática específica e suas significações. A leitura da entrevistada no momento da infância pode ter ganhado diferentes modos de apropriação, pois ela não apenas recebeu esse texto, ele foi ressignificado por meio de outros interesses. É preciso ter atenção à variabilidade das práticas de leitura e a suas apropriações, como aponta Chartier (1992, p. 233-234):

Pensando dessa forma, a ênfase sobre as apropriações culturais também nos permite ver que os textos ou as palavras destinadas a configurar os pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores. As práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas.

Pode-se perceber que as práticas da leitora em relação ao impresso não foram apropriadas como se presumia: apesar de ter enviado uma carta à editora, a memória não considerou esse fato importante, mas o processo dessa prática ganhou outras formas de rememorar, no reforço das trocas de correspondências. Em suma, entende-se que as estratégias da editoria da revista nem sempre resultaram no que era esperado (CERTEAU, 2011). Mas, de qualquer forma, as suas lembranças reforçaram a base religiosa dada na escola, evidenciando a importância atribuída ao campo religioso, conteúdo central da revista. Como esta dava grande valor à formação religiosa, indagou-se à depoente a forma como havia sido abordado o conteúdo religioso na escola:

Não era como o ensino religioso das escolas municipais e estaduais. Depende hoje se a professora entende de religião, mas a minha base de instrução foi muito fraca, porque eu peguei os últimos anos do pastor Hiller. Era meio complicado, ele tava meio complicado, muita coisa de instrução eu aprendi depois. Até hoje venho aprendendo e participando dos departamentos da igreja, me envolvendo. [...] Eu tenho para te dizer que a minha base é do colégio, o professor era muito legal, a base veio do colégio.

A narrativa reforça o trabalho excelente do professor e a pouca capacidade do pastor, que já estava cansado e no fim de sua carreira. Pode-se supor que o trabalho religioso fosse também realizado de forma primorosa pelos docentes das escolas. Como já foi afirmado, os conteúdos religiosos e doutrinários são importantes e citados com maior recorrência no impresso. A instituição luterana sempre buscou, no currículo das escolas, eleger a religião e as práticas que a envolvem, como cantos, orações, festas religiosas, como mais importantes dentro do contexto educacional.

Em contrapartida, as lembranças do conteúdo da revista, para Ada, não foram tão marcantes. Ela reforçou que poderia ter gostado muito, mas não se recordava do conteúdo e do que havia aprendido. No entanto, falou de forma entusiasmada das cartas trocadas. Essa prática de trocas epistolares pode ter sido marcada intensamente, porque necessitava do outro correspondente para ser reforçada – no caso, eram trocas com outras crianças. Criava-se a identificação do leitor infantil com a revista e proporcionava-se às crianças a oportunidade de entrar em contato com outros infantes. Esta estratégia usada pelo periódico, à primeira vista, parece ter funcionado, devido à efervescência das práticas de trocas epistolares. O apoio teórico de Halbwachs pode auxiliar a elucidar esta questão: as trocas de cartas são construídas na memória a partir do período da infância e se estendem até a fase da juventude, mas essa experiência pode ser presentificada por meio da instituição religiosa, porque esta identifica as crianças como pertencentes ao mesmo grupo social, como problematiza o autor em questão:

[...] Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro e ter em comum todos os seus pensamentos. Se, em certos momentos, sua vida transcorre em meios diferentes, ainda que eles possam através de cartas, descrições, através de suas narrações quando se aproximam, fazer conhecer em detalhes as circunstâncias em que se encontravam em contato, seria necessário que se identificassem um ao outro para tudo o que, de suas experiências, era estranho a um ou outro, se achasse assimilado em seu pensamento comum. [...] (HALBWACHS, 1990, p. 45).

A edição da revista, a interlocução promovida por ela, estabelecia esse vínculo e possibilitava criar identificadores; pelo menos, fazia isso como estratégia para ampliar a rede de leitores. Nesse sentido, Ada e sua

amiga puderam travar essa relação por meio dessa identificação religiosa, permeada pelo periódico *O Pequeno Luterano*.

Mesmo em relação à segunda forma de participação na revista, que compilava uma história sobre fantasmas (O PEQUENO LUTERANO, jul./ago. 1960, p. 10), ela leu e não se recordou de como escreveu, mas o que chama atenção é o endereço ao final do texto. Na página seguinte, o anúncio denominado “Canto do redator”, apontando os “Amiguinhos de caneta”, menciona todos os que tinham escrito cartas, indicando os respectivos endereços para correspondência:

Amiguinhos de Caneta - Se alguém desejar se corresponder com um menino ou uma menina de outra parte, não hesite em nos enviar seu endereço, que o publicaremos na seção “Amiguinhos de caneta”.

Ada Westermann, Rua Gal. Osório 709, Pelotas, RGS [...]

(O PEQUENO LUTERANO, jul./ago. 1960, p. 12).

A publicação de seu nome na campanha foi apresentada na entrevista, funcionando como evocador da memória. A partir dos estudos de Alan Radley (1992), acredita-se que a memória também esteja presente nos objetos, nos artefatos, sendo possível recordar fazendo relações com os objetos produzidos e preservados pelos grupos. Nesse sentido, mostrar a Ada a revista e a publicação do seu nome junto com as cartas preservadas por ela funcionou como recurso para evocar lembranças e experiências.

Com o manuseio das cartas guardadas pela depoente, a entrevista fluiu melhor e as recordações foram reavivadas. Quando indagada sobre como eram organizadas as práticas de trocas de cartas, a leitora respondeu:

Aquilo era vapt, vupt, pra cá e pra lá, só dava o tempo de ir e voltar, de ir e voltar. Fotografias, eu tenho fotos desde que nós nos conhecemos até hoje, se vou olhar meus álbuns, cartão de aniversário, eu mandava. Aquilo foi uma coisa e outros que eu tive não marcou assim. Eu posso procurar que eu tenho um saco cheio de correspondência desse Pequeno Luterano.

A leitora referia-se à correspondente especial com a qual se relacionou por muitos anos. Foi feita uma intervenção para lembrá-la de que havia outros correspondentes; entretanto, ela mencionou que havia trocado cartas com outras crianças, mas a relação com elas foi superficial e não

seguiu adiante. Com esta correspondente especial, travou-se uma relação de amizade, com laços afetivos profundos na trajetória da infância e da adolescência. Prova disso é que Ada foi madrinha do seu casamento em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul. Na verdade, Ada conheceu pessoalmente sua amiga apenas na ocasião do matrimônio, ou seja, anos mais tarde da primeira troca de cartas.

Pode-se supor que a revista tivesse usado estratégias que visavam à legitimidade no meio infantil, familiar, escolar e religioso. Estratégias entendidas como “o cálculo ou a manipulação das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (que pode ser uma instituição) pode ser isolado [...]” (CERTEAU, 2011, p. 93). A instituição que usou da estratégia foi a editora; as formas com que tentava manipular e conduzir os assinantes demandavam certa imposição, porém, de forma velada, calculada e relacional, não totalmente coercitiva. Naqueles espaços, ela tentava legitimar o discurso por meio das práticas ofertadas pela revista.

De certa forma, a opção para que os leitores conhecessem pessoas diferentes de sua região foi estimulada, mas com certo controle. Em muitos momentos, nas páginas do impresso, fica nítida a orientação de que a troca de cartas deveria se dar somente entre luteranos e assinantes da revista. Essa estratégia, até certo ponto, foi realizada e disseminada, a fim de delimitar e controlar as relações afetivas das crianças.

De qualquer forma, é relevante perceber a lembrança narrada pela leitora sobre as trocas de cartas com essa amiga especial. Na verdade, a rememoração dessa prática fez reavivar o modo como se construiu este laço na infância, mediado pelo impresso, e que permaneceu por longo tempo na fase adulta. Com as trocas de cartas, elas se tornaram confidentes e revelaram particularidades de suas vidas. Na fase inicial das trocas, entretanto, a ênfase recaía sobre práticas escolares e práticas religiosas, permanecendo na fase da juventude, quando mencionavam a participação em congressos de jovens, eventos, passeios e excursões com a comunidade religiosa. O próprio campo do lazer¹² entre os jovens era

12 As relações de lazer nesse período, no grupo estudado, estavam circunscritas pelo campo religioso. As atividades realizadas pelos adolescentes e jovens ficavam restritas ao espaço da igreja, forjando a continuidade e a manutenção do grupo.

estimulado dentro do espaço religioso, possibilitando, ao mesmo tempo, controle e formação religiosa.

Interessante notar que ter sido assinante da revista ou lembrar-se dos conteúdos não facilitava a Ada a evocação de tantas lembranças, nem mesmo lhe sendo mostrada a revista. A narradora não se referiu ao impresso com euforia e entusiasmo, mas, desde o início da entrevista, salientou a prática das trocas de cartas.

Talvez seja possível afirmar que as táticas – entendidas como “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. [...] a tática é movimento, dentro do campo do inimigo e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, 2011, p. 94) – usadas pela depoente se direcionavam para a valorização das amizades por meio das correspondências. Nesse sentido, a fuga ao controle editorial não se dá de forma racional e consciente, há movimentações para o escape, ao mesmo tempo em que se é controlado.

Ainda que a revista tivesse como principal objetivo, já aqui assinalado, doutrinar e envolver as crianças na religiosidade, acabou auxiliando a produção de uma rede de leitores e escritores que começavam a compartilhar e, assim, a reforçar interesses comuns da comunidade religiosa. Nesse aspecto, a revista parece ter cumprido o seu papel.

Tal prática começou em 1957, quando foi feita uma chamada para leitores escreverem à redação e publicarem seus endereços para contatos. Em 1958, a revista apelou às crianças:

Será que os meninos brasileiros não se interessam na troca de cartas? Renovamo-la na esperança que muitos leitores do Pequeno Luterano façam o uso da mesma. Podem aprender algo a respeito de outros lugares no exercitar na arte de escrever carta, praticar a amabilidade (O PEQUENO LUTERANO, jan./fev. 1958, p. 8).

A ênfase estratégica em valorizar os princípios nacionalistas ia ao encontro da política nacionalista do período. Era necessário fortalecer a brasilidade nos conteúdos da revista¹³, reforçando o pertencimento das

13 De acordo com a análise no banco de dados sobre a revista, o eixo “Nacionalismo” aparecia fortemente, tanto no período do Estado Novo, quanto no momento político do desenvolvimentismo nacional. Os ideais cívicos e morais entrelaçavam-se com o projeto religioso e doutrinário para formar o fiel cidadão ordeiro e obediente.

crianças à nação brasileira, depois de um período turbulento de perseguição às escolas étnicas, instaurada pela política do Estado Novo. No período pós-1950, a articulação da política desenvolvimentista também reforçava os mesmos princípios ufanistas e cívicos.

Com esse estímulo, cresceu, nesse período, o interesse das crianças em relacionar-se por intermédio de cartas. No caso acima mencionado, a iniciativa de corresponder-se partiu da interlocutora da entrevistada: na edição de outubro/novembro de 1958, Clarisse Waslawich escreveu uma história e colocou o seu endereço. Supõe-se que, quando a depoente se manifestou na revista, disponibilizando o seu endereço, desejava corresponder-se com mais crianças; prova disso é que ela possui mais cartas, trocadas com outros correspondentes na infância e na adolescência.

A partir desse fato, constata-se a importância da revista como mediadora dessa interlocução. A seguir, para demonstrar na íntegra o movimento da escrita na infância, reproduz-se esta carta que, considerada a primeira recebida pela entrevistada, revela aspectos de conhecimento e aproximação das leitoras através da revista:

Querida amiga.

Hoje tomei a resolução de responder a tua carta que recebi esses dias. Eu gozo de boa saúde e o mesmo desejo a ti. É com muito prazer que eu gostaria de trocar cartas contigo antes eu não me interessava em troca de cartas, mas agora gosto muito. Eu me admirei muito que você me escreveu uma carta. Decerto você leu a carta que eu escrevia para o “Pequeno Luterano”, onde talvez encontraste o meu nome e o meu endereço. Eu frequento a terceira classe primária do Ginásio Bom Pastor de Linha Brasil. Eu tenho 10 anos de idade. [...] Todos os alunos do primário já agora começa a ensaiar os hinos para o nosso querido Filiz Natal. [...] Meu professor chama-se Vendolin Guths e ele é muito bom. Agora findo esta carta. Mandando-te muitas lembranças. (Carta enviada a Ada Westermann, 23 nov. 1958).

Percebe-se que a iniciativa de iniciar a correspondência partiu de Ada, mas prontamente a correspondente buscou responder. Fica visível a estratégia da revista para expandir as práticas entre seus leitores. Os editores não queriam os leitores somente lendo a revista, mas também interagindo. De certo modo, uma tentativa de controlar as relações. No que tange às correspondências, vê-se que os leitores se apropriaram dessas práticas e contribuíram para a expansão da revista. A novidade de ter

muitos correspondentes, num período em que os meios de comunicação eram limitados, fazia dessa prática um modo de relacionar-se com o mundo, expandindo os conhecimentos sobre lugares e culturas diferentes, apesar dos limites impostos pela instituição, ao orientar os leitores para se corresponderem somente com os pertencentes à mesma denominação religiosa.

Nesse sentido, um aspecto relevante nas cartas são as notícias do meio escolar e religioso. Era importante mencionar a série, o nome da escola, as qualidades do professor e as práticas religiosas partilhadas pelo currículo escolar. Em relação às duas amigas, a distância geográfica era considerável, para a época, apesar de ambas morarem no mesmo estado, Rio Grande do Sul (uma residia no interior de Pelotas e a outra no interior de Nova Petrópolis)¹⁴.

Ainda com relação ao conjunto de cartas, no mesmo ano outra correspondência foi enviada a Ada. Nessa carta de 13 de dezembro de 1958, o relato versa sobre o fechamento do ano letivo, o envolvimento com os programas de Natal¹⁵. A correspondente apresenta a sua família, ficando mais íntima a correspondência. No ano seguinte, as cartas retornaram no período escolar. Na transcrição do excerto seguinte, a correspondente menciona na revista:

[...] Eu ganhei muitos ovos de Páscoa, e no dia 26 eu ganhei o “Pequeno Luterano”. Olhei nele e vi uma carta escrita com letras Elda Westermann. Eu já pensei que ia escrever mais uma carta o “Pequeno Luterano” [...] (Carta enviada a Ada Westermann, 29 mar. 1959).

Para a maioria das crianças, os livros e as revistas não eram materiais acessíveis. Nas páginas do impresso havia propaganda para estimular a oferta da revista às crianças em forma de presente. A correspondente

14 Estas cidades ficam no estado do Rio Grande do Sul, mas, para a época, a distância era considerável, pois ficam distantes mais de 400 km.

15 Os programas de Natal eram práticas recorrentes entre os fiéis do Sínodo de Missouri. Desde a fundação, em 1900, aparece menção a essa prática (WEIDUSCHADT, 2007). Eles eram organizados pelas escolas, junto com as crianças, para representar o auto de Natal para as comunidades.

reconheceu a irmã da entrevistada¹⁶, que havia publicado uma carta na revista, comprovando-se, assim, que as famílias, em geral, envolviam-se nessa rede de leitores, imbuída de práticas epistolares.

As cartas entre as duas meninas, num primeiro momento, eram formais; com o tempo, porém, os relatos ficaram mais aprofundados. A carta seguinte revela os passeios feitos, o convite para o aniversário, a morte do avô, as práticas escolares: avaliação e participação dos alunos em festas comemorativas. No final da carta, as comemorações escolares são reforçadas. A correspondente questiona:

Querida amiga, como é que foi o vosso dia das mães? Ou vocês nem festejaram? Nós festejamos, brinquemos e dizemos lindos versos, nós não podíamos fazer tudo tão bonito porque choveu um pouco. Se tu sabes ler alemão, então eu escrevo o meu versso! É o seguinte: MutterhertzBlumelein- MutterhertzSonnenschein- O Bluhe in Liebehir- Scheineins Hertz auchmir¹⁷. Isto foi o meu versso do Dia das Mães, se vocês festejaram, então me escreve o teu versso para mim, para eu ler também. Assim vou findar esta minha carta enviando-te um lindo beijo e abraço da tua sempre amiga. Clarisse Waslawick, Linha Brasil, Nova Petrópolis, RGS. Uma outra vêz eu mando uma outra fotografia onde eu vou estar de frente. (Carta enviada a Ada Westermann, 12 jul. 1959).

A escola mantinha resquícios da educação alemã, contemplando, nas festas e nas homenagens, o uso da língua germânica, porque, provavelmente, os pais e os avós da correspondente ainda usavam a língua alemã nas leituras, nas orações e na oralidade em geral. O uso da língua não foi abruptamente esquecido na realidade de imigrantes alemães. As comemorações mais significativas vinham acompanhadas da língua germânica, criando um identificador comum nas comunidades; em suma, havia um grupo de leitores e de falantes dessa língua.

Outra prática comum era o envio de fotografias e cartões junto com as cartas. O cartão reproduzido a seguir foi enviado em data de

16 Carta da menina Elda Westermann, que, no final da redação, coloca o seu endereço e quer se corresponder (O PEQUENO LUTERANO, jan./fev.1959, p. 12).

17 Tradução livre do verso: “Coração de mãe, florzinhas - Coração de mãe, brilhante sol - ó floresce aqui no amor - brilha no coração também para mim”.

período posterior à fase escolar, revelando a longa relação entre as duas correspondentes. Mostra como as datas comemorativas religiosas eram consideradas importantes, para serem lembradas e felicitadas. Mesmo na fase da adolescência das duas correspondentes, o Natal ainda era lembrado e reverenciado como data cristã marcante como mostra a fotografia abaixo (Figura 1).

Figura 1 - Cartão de Natal enviado por Clarisse a Ada Westermann.



Fonte: Acervo pessoal de Ada Westermann.

As trocas de correspondências ficavam cada vez mais dinâmicas: no mesmo ano do primeiro contato, outra carta já havia chegado, mencionando as festas escolares, indagando sobre pessoas que viajavam entre Pelotas e Nova Petrópolis. Mais uma vez, o assunto relacionado às práticas religiosas é mencionado nesta carta:

Hoje a minha amiga faz anos, mas eu não vou para lá, porque eu tenho que estudar para a “Doutrina Cristã”. Eu estou gostando muito da doutrina. Você também vai, na doutrina? Ou você já tomou a comunhão. Eu vou tomar a Comunhão no ano que vem [...] (Carta enviada a Ada Westermann, 12 jul. 1959).

A prática da comunhão representava o rito de passagem da infância para a adolescência. O rito da confirmação tem grande valor para a comunidade. É o momento em que a criança pode namorar, sair para festas, e o controle da Igreja nessa fase da vida tende a ser maior, porque o jovem é chamado a ter mais responsabilidade na comunidade, como

um aprendizado inicial da participação no grupo de jovens e nos eventos religiosos e de lazer proporcionados pela esfera religiosa. Por isso, os conteúdos religiosos e doutrinários aparecem frequentemente na revista, por meio de explicações, constituindo eixos relevantes, representados pelos títulos “Histórias bíblicas” e “Lição de moral”.

A valorização do período de doutrina (“Doutrina cristã” ou “Ensino confirmatório”), reforçado pela Igreja, pela escola e pela família, também ocupava espaço em textos e exortações na revista *O Pequeno Luterano*.

Por isso, a revista, em muitos momentos, chamava as crianças a serem missionárias, a fazerem parte da comunidade como auxiliares do pastor. Há uma carta em que se reforça esse objetivo: a correspondente menciona que vinha ajudando o pastor em cinco comunidades que não possuíam escola paroquial e escola dominical (Carta enviada a Ada Westermann, 30 nov. 1959).

Da mesma forma, a prática de correspondências em outras revistas laicas era comum na época, incentivada em muitas revistas e jornais de entretenimento e variedades. Algumas cartas, cujos excertos aqui se transcrevem, revelam esse aspecto:

Eu tenho mais uma correspondente de São Miguel, o endereço *eu li no jornal*.

Esta certa moça tem 11 anos de idade, e o nome dela é Diva Luiza. O meu irmão tem um correspondente de Ribeirão da Onça, mas ele escreve cartas em alemão.

[...] (Carta enviada a Ada Westermann, 30 out. 1959, grifos nossos).

[...] Muito obrigado para o cartão que você me mandou, eu recebi 3 cartas em um dia, uma de ti e outra de São Miguel da Diva L. Borchardt e uma de minha prima Noemia Weimer. A minha amiguinha Gladis Marli Dummer também quer fazer correspondência contigo, hoje não tenho mais tempo para escrever mais carta porque eu quero tomar banho e ir me embora. Muitas lembranças e abraços da tua amiga (Carta enviada a Ada Westermann, 22 dez. 1959).

As estratégias usadas pelo impresso não se concretizavam totalmente, no sentido de manter a relação de amizade somente entre os fiéis luteranos. As crianças poderiam ficar estimuladas por outros veículos e revistas que não eram de cunho estritamente religioso. Entretanto, a língua e a origem alemã eram limitadoras de diversidade. Analisando os nomes mencionados, percebe-se que são de origem alemã, e também se verifica a prática da escrita em alemão. A rede de correspondentes se ampliava dentro da

própria prática. Através da carta citada anteriormente, foram indicadas outras pessoas para trocas epistolares. Por isso, talvez, a depoente tenha colocado seu endereço na revista, após ter percebido que poderia conhecer mais pessoas e trocar experiências com elas.

Havia o estímulo nas famílias para essas práticas de trocas epistolares. Tanto na família de Ada como na de Clarisse, as práticas das assinaturas e as trocas de cartas eram estendidas aos irmãos. Nesse sentido, havia nessas trocas a apresentação da família para estreitar a amizade e criar vínculos afetivos próximos, como mostra o envio da fotografia junto com a dedicatória em verso alemão, assinada por Clarisse e seu irmão.

Essa maior intimidade revela o envolvimento das leitoras nas trocas epistolares, bem como a apresentação familiar, ou seja, era necessário trazer a leitora correspondente ao universo familiar. Essa identificação havia porque elas pertenciam à mesma instituição religiosa; frequentavam escolas paroquiais dirigidas por professores e pastores do Sínodo de Missouri; compartilhavam as mesmas leituras; pertenciam ao grupo étnico germânico, mostrado na ênfase ao uso da língua alemã, em razão da educação dos pais e dos avós, escolarizados nessa língua. Por isso, ainda permaneciam em língua germânica as dedicatórias, os trechos e os versos. As dedicatórias e as fotografias cumpriam o papel de reforçar os vínculos e criar identificação comum no universo das leitoras. Como mostra o exemplo do envio da fotografia junto com a dedicatória em verso alemão e assinada por Clarisse e seu irmão (Figura 2).

Figura 2 - Imagem de Clarisse e seu irmão, enviada a Ada Westermann, 17 ago. 1960 Verso da fotografia com dedicatória de Clarisse e seu irmão a Ada Westermann.



Fonte: Acervo pessoal de Ada Westermann.

Considerações finais

Ao abordar complementarmente a fonte oral e a impressa e os documentos epistolares, pode-se supor a possibilidade da interlocução dos leitores na revista e, assim, problematizar os achados. O impresso não apenas pretendia educar e doutrinar os seus fiéis infantis, mas prepará-los para a fase adulta, em que o controle fora da esfera religiosa e escolar poderia ser frágil.

Daí a necessidade da estratégia usada pela revista de promover trocas de cartas e correspondências. Ela poderia aproximar crianças de diferentes lugares e reforçar práticas religiosas em comum. Possibilitaria uma identificação maior entre as crianças da mesma denominação religiosa.

As táticas usadas pelos leitores, em muitos momentos, escaparam à orientação sugerida pela revista. Prova disso é que havia correspondentes de outras denominações religiosas; mas, de qualquer modo, o impresso promoveu rede intensa de leitores assinantes, prevalecendo, em certa medida, o controle sobre as práticas de seus participantes.

Mesmo o grupo parecendo homogêneo e sendo a memória coletiva, muitas propostas da editora não foram atendidas, porque a reconfiguração do grupo era constante, as orientações da instituição eram legitimadas e seguidas pelos fiéis. Em contrapartida, as formas de escape pelos sujeitos também eram as readequações que o grupo podia construir.

A apropriação ocorria de forma diferente e, frequentemente, era perpassada pela realidade social. As comunidades étnicas pomeranas tiveram, em grande medida, o estímulo da leitura religiosa orientada pelas instituições luteranas presentes, conduzindo a uma leitura específica, regulada pelo espaço escolar, familiar e religioso. É possível afirmar que, ao compartilhar os mesmos estímulos da leitura, os leitores são circunscritos por determinada tipologia de textos. Por outro lado, ao apropriarem-se de textos direcionados à realidade comunitária – no caso da pesquisa, comunidades étnicas religiosas –, os leitores constituem, muitas vezes, formas de fugir desse mecanismo disciplinar, pois “[...] a noção de apropriação torna possível avaliar as diferenças de partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção [...]” (CHARTIER, 1992, p. 232).

Pode-se observar que este aspecto da correspondência é o que mais foi ressignificado nas lembranças da nossa leitora, mais do que o conteúdo da revista, mas, de acordo com o conteúdo das cartas, o periódico parece ter cumprido o seu papel.

O estreitamento da relação afetiva se deu pela identificação do universo das leitoras, que pertenciam ao mesmo círculo religioso, escolar e familiar. Isso facilitou a comunicação entre elas e reforçou práticas religiosas ao longo do tempo. Mas pode-se perceber que também houve escapes, novas táticas, porque a ampliação da interlocução dos leitores foi realizada, ainda que de forma tímida, fora do círculo religioso e fora do controle editorial da revista *O Pequeno Luterano*.

Referências

- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Editora USP, 1987.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. PMCID:PMC2290231
- CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a. p. 77-106.
- CHARTIER, R. *El mundo como representación: estudios sobre historia cultural*. Barcelona: Gedisa, 1996b.
- CHARTIER, R. *La revolución de la cultura escrita*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.
- FÉLIX, L. O. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- FISCHER, B. D. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva, 2005.

FISCHER, B. T. D; PERES, L.M.V. (Org.). *Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação*. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Liber Livro, 2009.

FISCHER, B. T. D.; WEIDUSCHADT, P. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. T. D; PERES, L. M. V. (Org.). *Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação*. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Liber Livro, 2009. p. 66-82.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jul. 2001.

NUNES, C. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: LEAL, M. C.; PIMENTEL, M. A. L. (Org.). *História e memória da Escola Nova*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 9-25.

O PEQUENO LUTERANO. Revista Oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1939-1966.

RADLEY, A. Artefactos, memória y sentido del pasado. In: MIDDLETON, D.; EDWARDS, D. (Org.). *Memória compartilhada: la natureza social del recuerdo y del olvido*. Buenos Aires: Paidós, 1992. p. 63-76.

RIETH, R. W. Dois modelos de Igreja luterana: IECLB e IELB. In: DREHER; M. (Org.). *Populações rio-grandenses e modelos de igreja*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 257-267.

SCHARTZMANN, S.; BOMENY, H.; COSTA, V. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP, 1984.

STEYER, W. O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900-1904*. Porto Alegre: Singular, 1999. PMCID:PMC1300199.

VICENTINI, P. P. Celebração e visibilidade: o *Dia do Professor* e diferentes imagens da profissão docente no Brasil (1933-63). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas.

VIDAL, D. G. A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 27, p. 7-17, jul. 1998.

WARTH, C. H. *Crônicas da Igreja: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1990- 1974*. Porto Alegre: Concórdia, 1979. PMCID:PMC291239.

WEIDUSCHADT, P. *A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1931-1966)*. 2012. 274 p. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2012.

WEIDUSCHADT, P. *O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XXI - identidade e cultura escolar*. 2007. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

Endereço para correspondência
Patrícia Weiduschadt
Rua Félix da Cunha, 255, apto 203
Bairro Centro
Pelotas - RS
CEP: 96010-000
E-mail: prweidus@gmail.com

Recebido em: 29 out. 2012
Aprovado em: 6 maio 2013